

# Um êxito, para quem tem muita fé.

Hugo Martinez, nosso correspondente em Buenos Aires.

Para considerar que Cartagena foi um êxito é preciso ter fé. Se alguém crê firmemente no que dizem os funcionários do governo ou então é muito piedoso, não lhe custa nada dizer que "a reunião foi muito importante e melhorou a capacidade de negociação de nossos países", como afirma o chanceler argentino, Dante Caputo.

Em caso de dúvida, o melhor é ater-se aos fatos: a reunião de Cartagena limitou-se a uma declaração inaugural de princípios, feita pelo presidente da Colômbia, Belisário Betancur, e à criação de um escritório de acompanhamento da negociação da dívida externa do Continente.

Trata-se de um resultado que fica abaixo das expectativas criadas por uma retórica agressiva, mas sem força para impor caminhos viáveis de renegociação. Em Buenos Aires, informa-se que o ministro da Economia, Bernardo Grinspun, concluída a reunião de Cartagena, viajou para os Estados Unidos, para conversar com os "pesos-pesados" do sistema: Jacques de Larosière, Paul Volcker, Donald Regan e William Cecil Rhodes.

Para cobrir os flancos, Grinspun solicitou a colaboração de Adolfo Canitrot, subsecretário de Planejamento, e Ernesto Gaba, do Banco Central, que são exatamente o "mal" e o "bem" na técnica de renegociação argentina.

## Perspectivas de acordo

A reunião da Cartagena demonstrou a inviabilidade de uma política unificada dos devedores, "contestadora" do sistema internacional. Porém, ao mesmo tempo, foi uma advertência aos credores. É coisa do passado a impunidade em matéria econômica para devedores e credores.

É sintomático que tenha circulado em Buenos Aires, 12 horas antes de terminar a reunião de Cartagena, uma informação, procedente de Washington, segundo a qual o Fundo Monetário Internacional "admite a possibilidade de uma aproximação técnica" à carta de intenções do presidente da Argentina, Raúl Alfonsín. É essa a razão da entrevista de hoje de Grinspun com Jacques de Larosière, diretor-gerente do FMI.

Enquanto se discutia em Cartagena, o Banco Central argentino pagou US\$ 100 milhões aos bancos credores. William Rhodes, coordenador do comitê dos banqueiros, certamente também está disposto a "entender" a Argentina.

Existe um ponto na carta de intenções aprovada por Alfonsín em torno do qual é possível um acordo com o FMI e banqueiros: o governo argentino pode ceder em relação à política cambial e monetária (mas se manterá firme na política salarial). De seu lado, o FMI está disposto a fazer maiores esforços "interpretativos" para aceitar mudanças em seu plano ortodoxo.

A próxima conferência marcada para Buenos Aires em setembro, para dar seqüência à reunião de Cartagena, previsivelmente não deverá avançar muito em relação à atual situação. De qualquer forma, a longo prazo, criou-se um foco de divergência com efeitos concretos sobre a política interna. O conflito Norte-Sul, até agora formulado de forma quase acadêmica, assumiu formas concretas a nível popular.